



# SOB O VEU

*A moda assumiu status de  
bandeira política no Irã, onde  
as mulheres vêm usando  
grifes como Prada e Dior  
como forma de encontrar uma  
expressão própria e contrapor  
o padrão imposto pelo regime*

*por ADRIANA CARRANCA  
foto ALEXANDER STRAULINO*



**E**ra meu *début* no mundo muçulmano e – não é sempre assim quando não temos certeza sobre que roupa usar? – optei por um pretinho básico para o desembarque no aeroporto Iman Khomeini, em Teerã, a frenética capital iraniana com seus 14 milhões de habitantes. Eu havia comprado o véu em Dubai na noite anterior e, com certo estranhamento de ter os cabelos cobertos pela primeira vez, atravessei o saguão ao encontro da jovem que me aguardava do lado de fora. Pude ver seu olhar reprovador, mas, sem dar importância, me distraí ao percorrer o look dela: um bom e velho jeans skinny sob a batinha neo-hippie, All Star cor de rosa, o lenço de seda um tom mais leve, os cachos dourados emoldurando o rosto. Estava claro: tinha errado no visual sisudo e conservador. “Deixe-me ajeitar seu véu”, ela disse. Jogou-o bem para trás, puxando minha franja graciosamente à luz. “As iranianas são muito modernas!”, disparou. Seguimos em seu Kia sul-coreano preto, ela ao volante, ouvindo funk iraniano num antigo som Pioneer.

O estereótipo da mulher oprimida sob o negrume do chador, manto com o qual os aiatolás tentaram esconder as mulheres depois da Revolução Islâmica de 1979, caiu por terra naqueles meus primeiros minutos em Teerã. Usar o véu – o *hejab* – é compulsório para as iranianas desde que a Constituição foi substituída pela sharia, conjunto de leis islâmicas. Com isso, elas passaram a ter de esconder o contorno do corpo sob, pelo menos, um mantô com comprimento até a altura dos joelhos, usar mangas que cubram os braços até os pulsos, calças ou saias longas. Paradoxalmente, na medida em que o regime tentava padronizar a massa feminina, mais elas buscavam uma identidade própria. A moda emergiu como a mais marcante forma de expressão. “Os filhos da Revolução, como eu, começaram a tentar encontrar maneiras de se diferenciar, de ter um look único para mostrar quem somos”, diz a cineasta iraniana Torang Abedian.

Em uma sociedade em que Estado e religião se misturam, ser contra os padrões estabelecidos pelos aiatolás é ser oposição. Assim, a moda se tornou também uma bandeira política. A forma como você se veste em Teerã diz muito sobre de que lado você está: as que usam o chador, mais religiosas e conservadoras, tendem a apoiar o regime no poder; as que se rebelam contra o padrão de moda imposto, em geral, apoiam o movimento reformista, que luta por transformações na política e na legislação que confirmem aos iranianos liberdades civis, menor controle do Estado, igualdade de direitos para as mulheres.

Foi o que levou milhões de iranianos às ruas contra a reelei-

ção do presidente Mahmoud Ahmadinejad, em 2009, num prenúncio da Primavera que varreu ditadores no mundo árabe. O governo respondeu com violência, e os protestos recuaram, mas as demandas continuam latentes em um país onde 70% dos 72 milhões de habitantes têm menos de 35 anos. É essa massa que o Estado tenta dominar. Os clérigos linha-dura proibiram a música, baniram filmes e livros ocidentais; a produção artística e cultural passou a ser controlada; o direito de ir e vir foi cerceado; e os relacionamentos, limitados por valores morais impostos pelos religiosos. Foi proibido dançar, namorar, beber.

Mas as gerações pós-revolução cresceram em um mundo globalizado e conectado pela internet. Elas trocam músicas em mp3, assistem a vídeos do YouTube, relacionam-se via Facebook, leem sites de jornais e revistas do mundo todo, passam férias nas praias da Turquia ou em Dubai, nos Emirados Árabes, e fazem temporadas de estudos na Europa. Muitos migraram após a Revolução Islâmica e estouraram fora, como a estilista Behnaz Sarafpour, que vive em Nova York. Ex-Narciso Rodriguez, Richard Tyler e Anne Klein, lançou marca própria em 2001. Nas ruas do norte de Teerã, onde vive a classe média alta, desfilam estilos que vão desde exageros à Lady Gaga ao bom gosto de Prada, Dior, Calvin Klein, exibidas nas

## NOS ÚLTIMOS TRÊS MESES, MAIS DE 70 ESTILISTAS IRANIANOS PERDERAM A LICENÇA E 400 LOJAS DE MODA FORAM FECHADAS. O PRESIDENTE MAHMOUD AHMADINEJAD PROPÔS QUE O PRÓPRIO GOVERNO PRODUZA ROUPAS “ISLÂMICAS E BONITAS”

vitruvianas dos shoppings. A Benetton abriu dez lojas na capital.

Em reação, os clérigos linha-dura lançaram, no ano passado, um “plano de segurança”, com apoio de dois terços do Parlamento, contra “a invasão cultural ocidental”. Nos últimos três meses, mais de 70 estilistas iranianos perderam a licença e 400 lojas de moda foram fechadas. O controverso presidente Mahmoud Ahmadinejad propôs que o próprio governo passe a produzir roupas – “islâmicas e bonitas”, garante. As peças teriam um código de barras, garantindo sua autenticidade e facilitando a vigília dos *basijis*, a polícia da moral, que percorre as ruas à procura de trajes fora do padrão. Flagradas, as jovens são levadas à delegacia e só liberadas sob o chador e a garantia de que não vão mais sair daquele modo.

“O governo nos pressiona de todas as formas, das roupas à liberdade de ir e vir. O que está em jogo é o controle da população”, me disse, em Teerã, Amir Salah, de 30 anos, vendedor de uma loja multimarcas do shopping Safavieh, enquanto mostrava vestidinhos curtos para a estudante de desenho gráfico Niki Karimi. Nas festas privadas, as iranianas deixam o mantô para



DOIS MUNDOS Acima, as mulheres vestidas para a reza da sexta-feira; abaixo, em Teerã, jovem compra peça colorida, uma afronta ao regime



FOTOS: TRUNKARCHIVE.COM E ADRIANA CARRANCA

trás, usam vestidos, decotes e brilhos e mostram os cabelos.

Na medida em que foi imposto, o *hejab* tornou-se também instrumento da contracultura ao modelo de sociedade que os religiosos tentavam impor – o mesmo simbolismo que o sutiã representou para o movimento feminista que lutou por igualdade de direitos para as mulheres, nos anos 1960, nos Estados Unidos. As mudanças trazidas pela Revolução Islâmica foram particularmente radicais para elas. As iranianas não podem tomar a iniciativa pelo divórcio, não têm direito à guarda dos filhos ou à herança; perante a Justiça, seu testemunho vale a metade do que o de um homem. Talvez, por isso, tantos casos de estupro e violência doméstica não cheguem à corte.

É contra isso tudo que, todos os dias, às 17 horas, um grupo de ativistas e blogueiras iranianas tira o véu por cinco segundos, onde quer que estejam, em um protesto silencioso iniciado em janeiro deste ano. “A ditadura do governo reprime as mulheres em nossa sociedade, então, participar deste ato de desobediência civil (de tirar o véu) é mandar um claro sinal para o governo”, diz a convocação aos protestos no site Iran Star.

Se pudessem, muitas optariam por continuar usando o *hejab*, algo natural para as muçulmanas e incorporado à moda como um acessório. Mas o sinal que querem mandar ao governo é que não estão nada felizes com um regime que cerceia sua liberdade de escolha – seja em relação a cobrir os cabelos ou a quem eleger para presidente. □

\*Adriana Carranca é coautora de *O Irã Sob o Chador* (Editora Globo), lançado em 2010, em que relata sua viagem e suas descobertas no país dos aiatolás